

O silêncio na obra freudiana: um estudo longitudinal¹

Iara Del Padre Iarema Ulkowski²

Nadja Nara Barbosa Pinheiro (UFPR)³

RESUMO Apresentamos aqui o resultado da revisão bibliográfica realizada ao longo das *Obras Completas de Sigmund Freud*, sobre a ocorrência da palavra “silêncio”. O estudo aqui sintetizado consistiu em buscar o descritor “silêncio” e seus derivados nos vinte e três volumes das *Obras*, em ordem cronológica, e analisar, textual e conceitualmente, cada uma das ocorrências. Com isso, buscamos apresentar um panorama representativo sobre este tema. Concluímos que Freud fez uso da palavra “silêncio” de modo flexível e multifacetado e notamos que a estreita ligação entre silêncio, repressão e resistência leva ao conceito de inconsciente. A relação entre silêncio, morte e instinto de morte permitirá melhor entender a dificuldade de sustentar o silêncio na clínica. Relações que deverão ser aprofundadas em estudos posteriores.

PALAVRAS-CHAVE: silêncio; clínica; psicanálise; repressão; instinto de morte.

Introdução

Na psicanálise, diferentemente do que ocorre em práticas clínicas fundamentadas por outras teorias, o paciente assume o papel central de descrever e nomear

1. O presente artigo deriva de uma dissertação de Mestrado, realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná.

2. Mestre em Psicologia (UFPR). Especialista em Saúde Mental (IBPEX). Musicoterapeuta (Unespar/FAP)

3. Doutora em Psicologia Clínica, pós-doutorado em psicopatologia e psicanálise (Université Paris 7). Professora Associada do Departamento de Psicologia (Universidade Federal do Paraná). Coordenadora do Laboratório de Psicanálise/UFPR.

seus sintomas, chegar à origem dele e encontrar uma saída criativa para a energia dispendida na formação sintomática. No tratamento psicanalítico, tem-se como objetivo a análise dos processos inconscientes, que vêm a ser conhecidos por meio da fala do paciente. Não se pretende a supressão ou o alívio dos sintomas manifestados com técnicas aplicadas pelo terapeuta. Ainda assim, nos referimos a um tratamento, buscado por alguém que se encontra em sofrimento psíquico e que pretende o cessar desta situação. E, ainda, entendemos que o psicanalista é um profissional conhecedor de uma teoria complexa, que inclui técnicas próprias para a realização de seu trabalho. Dessa forma, ocorre que a melhora ou o alívio dos sintomas apresentados saem um pouco do foco principal da análise, passando este a ser a fala do paciente sobre eles e sobre si mesmo, aliada à escuta do analista e ao trabalho de análise. A diminuição ou o cessar do sofrimento manifestado na queixa é uma aposta no porvir. O exercício da clínica pressupõe, então, a escuta atenta do profissional às manifestações do paciente, sejam elas verbais ou não verbais. O silêncio é, portanto, uma ferramenta importante do trabalho do analista.

No entanto, podemos notar na clínica que, muitas vezes, o silêncio é gerador de inquietações e, até mesmo, angústia para o profissional, o que pode acarretar intervenções precipitadas, desnecessárias e até mesmo desorganizadoras para o paciente. A pesquisa da qual este estudo faz parte desenrolou-se a partir de uma indagação que teve origem na clínica. Notamos que, algumas vezes, diante de um paciente silencioso, o profissional tinha o ímpeto de preencher este silêncio, quando poderia tê-lo sustentado por um tempo maior. E é com relação a esta dificuldade que decidimos retornar a Freud, buscando conhecer as articulações feitas por ele acerca do silêncio.

Pautamo-nos no método de pesquisa em psicanálise, partindo do princípio destacado por Freud de que a convergência entre tratamento e investigação evidencia um não saber do pesquisador/psicanalista *a priori*, o que o faz retornar à teoria em busca de melhor formalização teórica que o sustente em sua condução clínica. Da mesma forma, o pesquisador/psicanalista não se encontra imune ao determinismo de seu próprio inconsciente que, de certa forma, se faz presente nas escolhas que efetua no curso de sua pesquisa, desde o tema a ser investigado. Assim, o pesquisador/psicanalista busca se abster de julgar, criticar e classificar aprioristicamente seu objeto de estudo e está prevenido de que nem tudo está sob seu controle (Pinheiro, Lustoza & Pinheiro, 2019).

O trabalho aqui apresentado é parte fundamental de uma pesquisa mais específica sobre questões pertinentes ao silêncio na clínica. A bibliografia

de base foi a *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, em sua edição de 1996 da Editora Imago. Nesta etapa da pesquisa, optamos pela permanência restrita a este autor, apesar do conhecimento da existência de textos de outros autores articulando silêncio e psicanálise. Dessa forma, buscamos manter a escuta o mais abstinentemente possível, evitando inferências pós-freudianas e contemporâneas.

Cabe discriminar a nomenclatura que utilizamos para esta pesquisa, o estudo *longitudinal* da obra de Freud. “Longitude” é um termo que vem do latim, indicando “lonjura”, “duração”, e que remete àquilo que ocorre de determinado ponto a outro. Nas investigações epidemiológicas da medicina, entende-se que o estudo longitudinal, diferentemente do transversal, busca analisar a incidência de uma patologia no decorrer de um período de tempo. Tal aspecto temporal marca também este estudo, que percorreu toda a obra deste autor.

Qualquer caminho fácil que associe o silêncio a um ou outro conceito psicanalítico sem seu estudo cuidadoso na obra freudiana tende a ser equivocado. Como cada sujeito vai experimentar, viver e atribuir ou não significado ao silêncio vai depender da singularidade de cada história, cada contexto e cada momento. A obra completa de Freud é extensa, complexa e abrangente. Conta com 115 textos no total, organizados em 23 volumes, além do volume de sumários e bibliografias. Cartas escritas pelo autor, publicadas na edição fonte do trabalho, também foram incluídas. Nesse caso, trata-se de parte da correspondência de Freud a Fliess. Foram excluídas as notas e demais textos escritos por outros autores, que constam nos volumes da Edição Standard. Há que se considerar que há textos importantes que tratam do silêncio sem, contudo, utilizarem esta palavra. Sabemos, também, que há divergências entre diferentes traduções, mas esperamos que, por ter sido feito um estudo longitudinal, amplo, portanto, seja possível traçar um panorama representativo sobre o tema.

Este estudo das obras de Freud partiu do descritor “silêncio” ou “silen-” que, notamos, perpassa toda a obra deste autor, desde 1896, nos artigos que poderíamos considerar como *pré-psicanalíticos*, até 1939, em “Moisés e o Monoteísmo”. As sutilezas no emprego desta palavra foram consideradas conforme a tradição psicanalítica, ou seja, onde se pudesse afirmar tratar-se “apenas” de força de expressão, buscamos fazer uma análise criteriosa, que pudesse dar sustentação argumentativa para o trabalho posterior. E, com o mesmo cuidado, não atribuir ao referido autor aquilo que não tivesse partido dele. O critério cronológico escolhido para a revisão bibliográfica se justifica pelo entendimento de que ideias que viriam a ser formalmente conceitualizadas por Freud

aparecem desde os primeiros textos como embriões ou indícios daquilo que o autor elaboraria posteriormente.

Seguindo o método descrito anteriormente, encontramos ao todo 87 ocorrências dos descritores “silêncio” e “silen-”. Notamos que Freud não faz um uso engessado da palavra “silêncio”, nem como recurso de linguagem, nem como localização conceitual. Logo em seu texto “A psicoterapia da histeria” (Freud, 1895/1996b), o autor deixa clara esta flexibilidade, não apenas em termos teóricos, como, principalmente, no manejo clínico:

Podemos evitar cometer injustiças contra o paciente se nos habituarmos, como norma geral durante toda a análise, a observar-lhe a expressão facial quando ele estiver deitado em silêncio diante de nós. Assim poderemos aprender a distinguir sem dificuldade o sereno estado de ânimo que acompanha a verdadeira ausência de lembranças, da tensão e dos sinais de emoção com que ele tenta recusar a lembrança emergente, em obediência à defesa. (Freud, 1895/1996b, p. 200)

Assim, sobreavisadas da fluidez do autor no trato deste assunto, face à multiplicidade infinita de seu objeto de estudo, o inconsciente, decidimos nomear algumas categorias representativas do uso dado à palavra “silêncio” e seus derivados. Tal decisão foi tomada com finalidade esclarecedora e organizadora neste estudo longitudinal, e não como fixações conceituais. São elas: uso coloquial da palavra “silêncio”, citação direta de outros autores, técnica, tempo de elaboração do paciente no tratamento, repressão, resistência e morte. Conforme é possível se constatar de antemão, as categorias muitas vezes se entrelaçam em diversas combinações, que se repetem algumas vezes mais e outras menos frequentemente. Neste artigo, optamos por agrupá-las de acordo com similaridades encontradas entre elas e com o interesse em aprofundarmos a pesquisa mais em umas e menos em outras. Temos, então, como agrupamentos: silêncio ao largo da teoria, silêncio atrelado a conceitos fundamentais, silêncio e manejo clínico, e as metáforas do silêncio (morte e instinto⁴ de morte). Com relação a todos os recortes que serão citados aqui, acreditamos que uma nova leitura poderá vir acompanhada de novas associações e de compreensões diferentes, conforme se avance no entendimento da teoria e na própria análise.

4. Optamos aqui por utilizar o termo “instinto”, em vez de “pulsão”. Procuramos, assim, manter o texto mais fluido, pois fica de acordo com a forma utilizada na nossa base bibliográfica principal e, conseqüentemente, com as citações diretas.

Silêncio ao largo da teoria: uso coloquial e citação direta de outros autores

Pudemos perceber que, algumas poucas vezes, o silêncio foi escrito por Freud de maneira totalmente desvinculada de conceitos e noções psicanalíticas, como nas passagens entendidas pelas autoras como uso coloquial desta palavra e de seus derivados, e nas citações diretas de outros autores. Embora muitas associações fossem possíveis a partir de cada frase escrita nas obras, como acontece na leitura de textos bem escritos, procuramos ter o cuidado de não atribuir ao autor ideias descontextualizadas. Como a inquietação disparadora da pesquisa é oriunda de experiências clínicas, nos interessam mais as passagens na obra que abordem diretamente, ou ao menos que levem a conceitos e noções psicanalíticas. De qualquer forma, encontrar o “silêncio” na obra de Freud situado *en passant*, contribuiu como mais um elemento que marca sua flexibilidade quanto a este tema. Serão apresentados alguns recortes que foram considerados dentro destas duas delimitações, apenas para que fique claro o nosso entendimento de considerá-los desprovidos de vinculações conceituais da psicanálise.

No seguinte fragmento do texto “Reflexões para os tempos de guerra e morte”, por exemplo, se nota a função meramente descritiva do silêncio, acerca da paisagem:

Dessa forma, ele desfrutara o mar azul e o cinzento; a beleza de montanhas cobertas de neve e a de campinas verdejantes; a magia das florestas setentrionais e o esplendor da vegetação do sul; o estado de espírito evocado pelas paisagens que relembram grandes eventos históricos, e o silêncio da natureza intocada. (Freud, 1915/1996j, p. 164-165).

De maneira similar ao fragmento mencionado acima, no texto “Uma neurose demoníaca do século XVII” (1923[1922]/1996o), em que Freud trabalha sobre um manuscrito daquele século, consta uma ocorrência da palavra “silencia”. Com base em uma leitura que busque não inferir ao autor ideias e elaborações que não estejam suficientemente descritas no texto, consideramos que aqui, também, foi feito um uso coloquial da referida palavra. Trata-se de uma passagem em que ele afirma que uma determinada informação não consta no manuscrito: “Quanto à maneira por que isso aconteceu, no entanto, o relatório silencia” (Freud, 1923[1922]/1996o, p. 46).

No livro “A interpretação dos sonhos” (1900/1996c), Freud apresenta uma revisão bibliográfica na qual reuniu alguns estudos realizados anteriormente por outros autores sobre os sonhos. Nesta coletânea, há várias citações diretas, em que ocorre, algumas vezes, o descritor “silêncio”, de modo que não nos ativemos a essas passagens sobre o tema em questão. Pois, além de serem palavras de outros autores, eventualmente foram escolhidas por Freud como ideias a serem contestadas.

Silêncio atrelado a conceitos fundamentais: repressão e resistência

Outras vezes, no entanto, a palavra “silêncio” é empregada em uma conotação diretamente relacionada a noções e conceitos importantes da psicanálise, como repressão e resistência. Estas duas noções constam associadas ao silêncio em diversas passagens e, como a pergunta disparadora da pesquisa parte da natureza inquietante do silêncio, nossa leitura esteve mais sensível a estes pontos conceituais. Esta constatação, do silêncio associado à repressão e à resistência na obra freudiana, vai ao encontro da inquietude – e, algumas vezes, angústia – sentida face ao silêncio na clínica. E algumas respostas e elaborações poderiam ser tecidas a partir deste fio condutor. Conforme percebemos, elas não estiveram limitadas a determinado período dos estudos freudianos. Serão apresentadas algumas passagens destas ocorrências, que atravessam toda a obra.

Consideramos o silêncio associado à noção de repressão quando Freud relata o sonho de uma paciente que, em vigília, havia silenciado uma opinião acerca de outra pessoa, mas que, no sonho, manifesta tal conteúdo, ainda que de forma distorcida. Entendemos que se trata de um conteúdo que havia sido reprimido, mantendo-se inconsciente, e que retorna no sonho. “São extremamente numerosos os exemplos em que um desejo suprimido durante o dia encontra vazão num sonho” (Freud, 1900/1996c, p. 142). E, ao narrar o sonho da paciente, o autor afirma que ela havia “silenciado” seu juízo real sobre a outra pessoa. Encontramos, no decorrer da obra, passagens em que aquilo que é silenciado retorna como chiste, lapsos de fala, equívocos na ação, entre outros. De onde podemos apreender que o neurótico tende a silenciar aquilo que é ruidoso e que tira o ego de sua suposta ordem.

Acerca deste mesmo processo, de reprimir o que não pode ser sabido pela consciência, verificamos em diversas passagens na obra freudiana a associação entre silêncio e sintoma, várias vezes sob a fórmula de “aquilo que

causa o adoecimento”, a *Kränkung*, ou seja, um “fazer adoecer” (Breuer & Freud, 1893/1996, p. 23). Em “O ego e o id” (1923/1996n), Freud aborda certos casos de pacientes que reagem negativamente a um elogio sobre o progresso do tratamento, agravando suas moléstias, em vez de melhorar. Usa esses exemplos de resistência para falar de efeitos do sentimento de culpa, os quais são, em sua maior porção, inconscientes. Quando o paciente reage assim, converte o sentimento de culpa em adoecimento. Diante da impossibilidade de lidar com algo difícil como a culpa, o paciente silencia este sentimento e adoece.

Ao final, percebemos que estamos tratando com o que pode ser chamado de fator ‘moral’, um sentimento de culpa, que está encontrando sua satisfação na doença e se recusa a abandonar a punição do sofrimento. Devemos estar certos em encarar esta explicação desencorajadora como final. Mas, enquanto o paciente está envolvido, esse sentimento de culpa silencia; não lhe diz que ele é culpado; ele não se sente culpado, mas doente. Esse sentimento de culpa expressa-se apenas como uma resistência à cura que é extremamente difícil de superar. É também particularmente difícil convencer o paciente de que esse motivo encontra-se por trás do fato de ele continuar enfermo; ele se apegá à explicação mais óbvia de que o tratamento pela análise não constitui o remédio certo para o seu caso. (Freud, 1923/1996n, p. 31)

No trecho destacado acima, o silêncio está situado como algo que faz adoecer e, inerentemente, está-se tratando de repressão. Como a situação mencionada por Freud se dá no contexto da análise, a noção de resistência está entrelaçada, já que o que está em questão é a dificuldade de o paciente abrir mão de seu sintoma e se haver com o sentimento de culpa.

A noção de resistência ocorre diversas vezes atrelada ao silêncio do paciente na sessão. No caso do Pequeno Hans, por exemplo, quando o autor está abordando certos pontos de resistência do paciente à análise e como o tratamento foi conduzido para vencê-la, ele também recorre à palavra “silêncio” para se referir à resistência: “Ele não tinha medo só de cavalos o morderem – logo silenciou a respeito desse ponto –, mas também de carroças, de carroças de mudança, de ônibus...” (Freud, 1909/1996g, p. 77).

Silêncio e manejo clínico: a técnica e a elaboração

Pretendemos destacar aqui, também, a associação que o autor faz do silêncio como técnica e como tempo de elaboração do paciente. As passagens que foram

agrupadas no conjunto “técnica” foram aquelas que concernem a decisões do analista para a realização de seu trabalho. Este aspecto está diretamente vinculado às já mencionadas indagações oriundas da clínica, à decisão e à possibilidade de o analista estar em silêncio para escutar o outro. Vale mencionar que há profissionais mais e menos silenciosos e que, portanto, não se pretende neste artigo sustentar uma argumentação sobre o silêncio na técnica e na escuta. Uma proposta como esta é importante e demanda um estudo a parte, já que a posição do profissional quanto ao seu próprio silêncio diante do paciente possivelmente está vinculada a uma linha de entendimento da psicanálise, ao seu estilo de trabalho e a questões subjetivas. Sobre o que apreendemos do tema nos escritos de Freud, pudemos notar sua sensibilidade à necessidade do silêncio do analista, ao menos em alguns momentos do tratamento: “o analista deve se retirar silencioso”, “não se deve silenciar o paciente”.

A atenção do autor ao silêncio como manifestação do paciente digna de atenção do profissional que o atende e, mais, como algo que diz dele sem o uso de palavras, contribui para uma leitura mais ampla da psicanálise como teoria e clínica. Assim como o que foi notado na categoria destacada no parágrafo acima, é um aspecto digno de derivar em estudos posteriores.

O silêncio é colocado por Freud algumas vezes no lugar de técnica, seja na preparação da sala para a hipnose, nos textos iniciais – como é o caso de “Hipnose” (1891/1996a) –, seja como decisão do psicanalista durante o tratamento. Ele menciona que há certas exceções, em que a neurose seria a saída menos danosa e que, nesses casos, o analista deve se retirar em silêncio:

Portanto, se podemos dizer que sempre que um neurótico enfrenta um conflito ele empreende uma fuga para a doença, assim mesmo devemos admitir que, em determinados casos, tal fuga se justifica plenamente, e um médico que tenha reconhecido a maneira como se configura a situação, haverá de se retirar, silencioso e apreensivo. (Freud, 1917/1996k, p. 383)

Também pode ser entendida como delimitação técnica, uma ocorrência da palavra “silenciando”, no texto “*Fausse reconnaissance* no tratamento psicanalítico” (1914/1996i). Em uma recomendação hiperbólica aos analistas, o autor afirma que não se deve silenciar o paciente aos gritos diante de uma situação de *fausse reconnaissance* ou *déjà raconté*. Tais expressões são referentes a eventos não incomuns na prática analítica, de o paciente relatar um fato ao analista e mencionar já tê-lo contado anteriormente, ao mesmo tempo em que o analista não tem esta lembrança.

Em algumas passagens, Freud se mostra sensível ao fato de que o silêncio pode ser, também, denotação de que se fez necessário um tempo para a elaboração psíquica. Como no texto “Fragmento da análise de um caso de histeria” (1905[1901]/1996f), em que a paciente nomeada como Dora aceita em silêncio uma interpretação de Freud sobre sua tosse e pouco tempo depois desta sessão esse sintoma deixa de existir. O silêncio de Dora, ao contrário de resistência, parece remeter a um tempo para elaboração do que estava sendo pontuado por seu analista.

Mas era irrecusável a complementação de que, com sua tosse espasmódica – que, como de hábito, tinha por estímulo uma sensação de cócega na garganta –, ela representava uma cena de satisfação sexual *per os* entre as duas pessoas cuja ligação amorosa a ocupava tão incessantemente. Muito pouco tempo depois de ela aceitar em silêncio essa explicação, a tosse desapareceu – o que se afinava muito bem com minha visão; mas não quero atribuir um valor excessivo a essa mudança, visto que ela já se produzira tantas vezes espontaneamente. (Freud, 1905[1901]/1996f, p. 54)

Outro relato notável do silêncio como tempo de elaboração do paciente diante de uma interpretação consta no capítulo VI de “A interpretação dos sonhos” (1900/1996d). Trata-se de um recorte de caso, em que o autor relata que, após uma interpretação do analista, a paciente primeiro faz uma recusa veemente tanto do que ouviu, quanto de suas próprias palavras ao analista. Mas, logo em seguida, fica em silêncio, e autoriza-se a pôr a trabalho o assunto que a afligia: “Ela ficou em silêncio algum tempo e, depois disso, encontrou coragem bastante para perguntar o que significava um dos testículos de seu marido ser mais caído do que o outro, e se o mesmo acontecia com todos os homens” (Freud, 1900/1996c, p. 16).

As metáforas do silêncio: morte e instinto de morte

Tendo percorrido o uso do silêncio na obra de Freud em seus aspectos conceituais e citações diretas de outros autores; repressão e resistência; e técnica e tempo de elaboração, chegamos aqui à ideia de silêncio associado à morte e ao instinto de morte. Quanto a estas ocorrências na obra de Freud, elas se dão aleatoriamente em termos sequenciais ou cronológicos (embora o conceito de instinto de morte propriamente dito não esteja descrito nos textos iniciais). Aqui serão apresentadas algumas passagens entendidas dentro desta última categoria.

Pudemos constatar na revisão de literatura que a morte é um tema que o autor liga com frequência ao silêncio, utilizando este segundo como recurso metafórico. Optamos aqui por incluir na mesma classificação as ocorrências do termo “silêncio” ligadas à morte, tanto no sentido real como no metafórico e, também, o conceito de instinto de morte. Tal aproximação se justifica pela ideia de morte inerente ao referido conceito psicanalítico, especialmente no que concerne ao princípio físico da inércia, conforme discorre Freud em “Além do princípio do prazer” (1920/1996), ao tratar dos conflitos entre as duas classes de instintos:

Essa visão nos permitiria caracterizar os instintos como tendências inerentes à substância viva no sentido da restauração de um estado anterior de coisas, isto é, seriam historicamente determinados, de natureza conservadora e, por assim dizer, expressão de uma inércia ou elasticidade presente no que é orgânico. (Freud, 1920/1996, p. 168)

O silêncio associado à morte está presente quando narra a história do homem que queria provar a natureza telepática dos sonhos em “O tema dos três esrínios” (1913/1996h). Este homem sonhou que repreendia um amigo por seu silêncio e, posteriormente, veio a descobrir que o amigo estava morto. Ao que Freud afirma: “Permitam-nos deixar o problema da telepatia de lado: entretanto, não parece haver qualquer dúvida de que aqui a mudez no sonho representava a morte” (p. 180). E, também, na conclusão do mesmo texto, que discorre sobre o amor de um homem por uma mulher: “Mas é em vão que um velho anseia pelo amor de uma mulher, como o teve primeiro de sua mãe; só a terceira das Parcas, a silenciosa Deusa da Morte, toma-lo-á nos braços” (p. 184).

Tratando das manifestações do inconsciente na vida cotidiana, Freud oferece no capítulo VIII de “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana” (1901/1996e) vários exemplos de atitudes equivocadas cujos erros têm motivação inconsciente. Em um deles, retoma uma história circense de Heijermans, sobre um casal de mergulhadores. Nela, a palavra “silêncio” consta claramente associada à morte. Este casal encenava um espetáculo onde, após ser trancado pela esposa em um tanque de água, o marido deveria pegar a chave que ela jogara lá dentro, para se destrancar. Um dia, antes de entrarem em cena, o marido flagra a mulher traindo-o com o domador e, após um “silêncio mortal”, diz apenas “depois”. No espetáculo, tudo ocorre como o combinado, exceto quando a mulher tenta jogar a chave dentro do tanque, mas não consegue. Desastrosamente, a joga entre as pregas da cortina, fora da água. Todos, inclusive o casal, só percebem que a chave não está no tanque quando o tempo do mergulhador já está no limite.

Dá-se uma tragédia e, contextualizado, o equívoco da mulher ao jogar a chave se trata de uma manifestação do inconsciente. Na cena do flagrante, o “silêncio mortal” sucedido da palavra “depois” anunciavam, literalmente, o desfecho da história, para um ou para outro personagem.

De modo mais claramente conceitual, em seus “Dois verbetes de enciclopédia” (1923[1922]/1996m), o autor utiliza a palavra “silêncio” atrelada ao instinto de morte. O referido texto é uma coletânea de noções e conceitos psicanalíticos, elaborada pelo próprio Freud. Este é um entre vários escritos em que ele descreve este dualismo dos instintos. Na fração “Reconhecimento de duas classes de instintos na vida mental”, dá-se esta descrição do instinto de vida e do instinto de morte. Sobre este último, afirma:

Segundo esse ponto de vista, um dos conjuntos de instintos, que trabalham essencialmente em silêncio, seriam aqueles, cujo objetivo é conduzir a criatura viva à morte e, assim, merecem ser chamados de ‘instintos de morte’; dirigir-se-iam para fora como resultado da combinação de grande número de organismos elementares unicelulares e se manifestariam como impulsos destrutivos ou agressivos. (Freud, 1923[1922]/1996m, p. 168)

Já o instinto de vida, Eros, tem a ver com o que há de construtivo na vida humana. Enquanto o instinto de morte culmina na morte, propriamente dita, o instinto de vida culmina na reprodução. Dessa forma, a vida psíquica é composta pela oposição ou interação entre essas duas classes de instintos. Em “O ego e o id” (1923/1996n), o autor volta a enfatizar o caráter silencioso do instinto de morte, com contraponto ao ruidoso Eros. Ele afirma que ambas as classes de instintos se encontram em luta no Id. Mas que tal instância psíquica está sob o domínio “dos silenciosos mas poderosos instintos de morte” (p. 36).

Considerações finais

Diante da abrangência e complexidade da obra freudiana, e pelo fato de ela se manter atual, a despeito do seu tempo de existência, ela se mostra fonte abundante de material acerca deste tema tão substancial para a clínica, que é o silêncio. O percurso trilhado neste estudo apresentou alguns exemplos da ocorrência do termo “silêncio” e seus derivados nesta obra, organizados em sete categorias, agrupados em quatro itens, concernentes à leitura que pudemos fazer no momento da pesquisa.

Reiteramos, então, que o silêncio não se situa na obra de Freud em um lugar estanque. Partindo do princípio que a revisão bibliográfica sobre a palavra “silêncio” na obra de Freud foi tomada como o primeiro passo para a realização da pesquisa, o estudo efetivado nos permitiu observar que, para nossos propósitos, o uso coloquial e a citação direta de outros autores não se mostra relevante. Estas ocorrências não contribuem para o entendimento da questão do silêncio como elemento gerador de inquietações, oriunda da prática clínica e não derivam para elaborações conceituais da psicanálise.

Por fim, a relação empreendida por Freud entre silêncio, morte e instinto de morte abre um caminho profícuo de pesquisa, na medida em que sabemos que o conceito de instinto de morte foi promotor de uma reorganização conceitual radical no edifício teórico da psicanálise, principalmente no que diz respeito aos primórdios da constituição subjetiva. Em nossa perspectiva, compreender melhor essas relações nos permitirá melhor entender quais são as funções do silêncio na clínica e, em decorrência disso, os manejos pertinentes. Pois, se a escuta inclui também silenciar-se para que o outro/paciente possa se manifestar livremente, o silêncio do terapeuta e a dificuldade de sustentá-lo é tema tão importante quanto aquilo que ele fala ou sonoriza na sessão.

Silence in Freud's work: a longitudinal study

ABSTRACT *We present here the result of the bibliographical review carried out throughout Sigmund Freud's Complete Works, on the occurrence of the word "silence". The study summarized here consisted of searching for the descriptor "silence" and its derivatives in the twenty-three volumes of the Standard Edition, in chronological order and analyze, textually and conceptually, each one of the occurrences. With that, we seek to present a representative overview of this topic. We conclude that Freud made use of the word "silence" in a flexible and multifaceted way and we note that the close connection between silence, repression and resistance leads to the concept of the unconscious. The relationship between silence, death and death instinct will allow a better understanding of the difficulty of sustaining silence in the clinic. These relations should be deepened in further studies.*

KEYWORDS: *silence; clinic; psychoanalysis; repression; death instinct.*

El silencio en la obra de Freud: un estudio longitudinal

RESUMEN *Aquí presentamos el resultado de la revisión bibliográfica realizada a lo largo de la obra completa de Sigmund Freud, sobre la aparición de la palabra "silencio". El estudio aquí resumido consistió en buscar el descriptor "silencio" y sus derivados en los veintitrés volúmenes*

de las Obras, en orden cronológico y analizar, textual y conceptualmente, cada una de las ocurrencias. Con eso, buscamos presentar un panorama representativo sobre este tema. Concluimos que Freud hizo uso de la palabra "silencio" de una manera flexible y multifacética y notamos que la estrecha conexión entre silencio, represión y resistencia conduce al concepto de inconsciente. La relación entre el silencio, la muerte y el instinto de muerte permitirá comprender mejor la dificultad de mantener el silencio en la clínica. Relaciones que conviene profundizar en estudios posteriores.

PALABRAS CLAVE: silencio, clínica; psicoanálisis; represión; instinto de muerte.

Referências

- Breuer, J. & Freud, S. (1996). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar. In S. Freud, *Estudos sobre a histeria (1893-1895)*(Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 2). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1893).
- Freud, S. (1996a). Hipnose. In S. Freud, *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889)*(Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1891).
- Freud, S. (1996b). A psicoterapia da histeria. In S. Freud, *Estudos sobre a histeria (1893-1895)*(Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 2). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895).
- Freud, S. (1996c). A interpretação dos sonhos (I). In S. Freud, *A interpretação dos sonhos (I)(1900)* (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 4). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1996d). A interpretação dos sonhos (II). In S. Freud, *A interpretação dos sonhos (II) e sobre os sonhos (1900-1901)*(Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 5). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1996e). Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. In S. Freud, *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana (1901)*(Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 6). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1901).
- Freud, S. (1996f). Fragmento da análise de um caso de histeria. In S. Freud, *Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)*(Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 7). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original escrito em 1901 e publicado em 1905).
- Freud, S. (1996g). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In S. Freud, *Duas histórias clínicas (o "Pequeno Hans" e o "Homem dos Ratos")*(1909)(Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 10). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1909).

- Freud, S. (1996h). O tema dos três escrínios. In S. Freud, *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913)*(Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 12). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (1996i). *Fausse reconnaissance (déjà raconté)* no tratamento psicanalítico. In S. Freud, *Totem e tabu e outros trabalhos (1913-1914)*(Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 13). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1996j). Reflexões para os tempos de guerra e morte. In S. Freud, *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*(Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (1996k). O estado neurótico comum (Conferência XXIV). In S. Freud, *Conferências introdutórias sobre psicanálise (Parte III)(1915-1916)*(Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 16). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917).
- Freud, S. (1996l). Além do princípio de prazer. In S. Freud, *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)*(Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1996m). Dois verbetes de enciclopédia. In S. Freud, *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)*(Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original escrito em 1922 e publicado em 1923).
- Freud, S. (1996n). O ego e o id. In S. Freud, *O ego e id e outros trabalhos (1923-1925)*(Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original de 1923).
- Freud, S. (1996o). Uma neurose demoníaca do século XVII. In S. Freud, *O ego e id e outros trabalhos (1923-1925)*(Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original escrito em 1922 e publicado em 1923).
- Pinheiro, Nadja Nara Barbosa; Lustoza, Rosane Zétola & Pinheiro, Débora Patrícia Nemer. (2019, dezembro). Pesquisa em psicanálise na universidade: seguindo o método freudiano. *Analytica*, 8(15): 1-11. Recuperado a partir de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v8n15/03.pdf>

Recebido: 25/02/2021

Aceito: 07/06/2021

Iara Del Padre Iarema Ulkowski

Rua Cláudio Chatagnier, 550/121

Curitiba - PR - CEP: 82520-590

(41) 99213-3959

iaradpiarema@gmail.com

Nadja Nara Barbosa Pinheiro

Rua XV de novembro, 1299

Curitiba - PR - CEP: 80060-000

(41) 3310-2644

nadjanbp@ufpr.br